

AtÃ© ao 9.º ano

Afixado por Maria Goreti - 02/09/06 14:09

AtÃ© ao 9.º ano, reflexÃµes

Setembro estÃ¡ a ser recheado de notÃcias sobre o estado do nosso saber em MatemÃtica, com base na amostra de alunos opositores ao exame nacional do 9.º ano.

Parece-me que se fala muito e nÃo se diz nada, e se eu nÃo fosse professora de uma disciplina que exige cÃlculo, se nÃo estivesse no terreno, e se nÃo conhecesse nada da legislaÃo que suporta o que deve ser o Ensino BÃsico, sÃ me ocorreria uma opiniÃo: que Ã que os professores estÃo a fazer na escola? Todos! nÃo estou a falar sÃ dos de MatemÃtica.... Acredito que se o exame fosse de FÃsica e QuÃmica os resultados seriam iguais ou piores! Sabem porquÃ? NÃo Ã sÃ contas que os alunos nÃo sabem fazer! Eles tambÃm nÃo sabem ler, interpretar.... Mas os que nÃo sabem e passam vÃo continuar sem saber!

O OfÃcio Circular n.º 50, da DREL, de 11 de Agosto no seu ponto 4, diz que "a retenÃo deve ser uma medida pedagÃgica de Ãltima instÃncia..." assim, ou por outras palavras, encontramos o mesmo em muita outra legislaÃo sobre o assunto. Penso que sempre o terÃ sido, e nÃo acredito que os profissionais de ensino que algures no tempo (no meu tempo de aluna) assumiram retenÃo de alunos o tenham feito levemente, sem ponderar seriamente as razÃes que justificavam a retenÃo. Era eu estagiÃria, hÃ cerca de 20 anos, e jÃ os meus orientadores me falavam em dar sempre ao aluno o benefÃcio da dÃvida, mas depois de bem ponderar todas as tentativas de o ajudar e o trabalho desenvolvido pelo aluno. Acontece que, hoje, um aluno nÃo Ã retido no 5.º, nem no 6.º, nem no 7.º, nem no 8.º..... passando sempre Ã custa de todos e mais alguns planos de recuperaÃo (e jÃ pode vir assim desde o 1.º ano) e, uma vez no 9.º, Ã presenteado com um exame nacional que quer lÃ saber das condiÃes em que os alunos lÃ chegaram, quer lÃ saber de cada aluno como um individuo!!!! E para muitos alunos, o Ãnico plano de recuperaÃo que permite a a proposta de nÃo retenÃo, Ã um plano que contemple o nÃvel mais baixo de exigÃncias.... quem sabe trabalhos ao nÃvel de 1.º Ciclo (e do mais elementar!).

E sabem? Eu atÃ sou totalmente a favor dos exames nacionais, mas nÃo nestas condiÃes....

NÃo estÃ previsto que o aluno possa frequentar a escolaridade obrigatÃria e que tenha direito ao diploma de frequÃncia do 9.º ano? EntÃo para que andamos todos a (querer) fingir que todos os alunos concluÃram, com qualidade e aproveitamento, em matÃrias e graus de exigÃncia que se pretendem universais? Ã mentira! e o resultado em exames nacionais revela isso mesmo para a maioria dos alunos (e digo para a maioria, por assumir uma margem para aqueles que sempre acham que apenas foi o azar que ditou aquele resultado, tÃo diferente do que teve na classificaÃo de frequÃncia, serÃo excepÃes!)

As propostas para o Ensino BÃsico apontam para um ensino diferenciado, quase um aluno um professor (nÃo obstante a dimensÃo das turmas!), e depois vem um exame nacional, universal! Um professor (aqui simbolizando a equipa que elabora os exames) para todos os alunos, considerados como iguais! Adeus ao aluno como individuo, adeus ensino diferenciado, adeus planos de recuperaÃo! Ã caricato, no mÃnimo: todos diferentes (durante um ano) e todos iguais (num sÃ dia).

SÃ para rematar, e acreditando que a imagem pode nÃo ser muito feliz. Vou regionalizar. As crianÃas de Monchique (pelo menos as do 1.º CEB) escrevem "vou Ã da avÃ", querendo dizer "eu vou Ã casa da minha avÃ", e vÃo passando (nÃo fosse por isso, concordo), e a professora vai sempre corrigindo, certamente, e dizendo que nÃo podem escrever como falam. Repare-se que nem sequer existe nenhum erro ortogrÃfico em "vou Ã da avÃ", outras anÃlises saberÃo fazer os estudiosos da lÃngua (nÃo Ã assunto do meu pelouro). TambÃm todos entendem o significado daquela expressÃo, no discurso oral ou no discurso escrito, portanto hÃ comunicaÃo, mas... Os alunos sÃo todos diferentes, Ã verdade, tambÃm as regiÃes sÃo todas diferentes, Ã verdade, entÃo temos que diferenciar tudo! Que os planos de recuperaÃo dos alunos de Monchique contemplem o modo como se fala na regiÃo e veremos se os resultados na escrita, pelo menos, nÃo serÃo melhores! Se calhar esses planos passarÃo a ser desnecessÃrios, mas os alunos vÃo chumbar nos pseudo exames nacionais (do 4.º ano)!

O objectivo da escola Ã permitir um ensino personalizado e diferenciado? EntÃo que tambÃm o seja nas formas de avaliaÃo das aprendizagens e nos diplomas que quer atribuir na sequÃncia das mesmas: frequÃncia ou conclusÃo? E eu diria mais, que do diploma conste que o aluno foi submetido a planos de recuperaÃo! NÃo Ã previsto na lei que vÃ passando assim? EntÃo que seja assumido no documento que traduz os resultados finais. De resto, todos os alunos terÃo a oportunidade de ver validado o resultado num exame nacional, traduza ele ou nÃo as suas reais sabedorias, mas, vamos acreditar, Ã a melhor forma de objectivar a avaliaÃo.

... Isto vai chegar aos 10.º, 11.º e 12.º! Quem gostarÃ de ser atendido por um profissional de saÃde que sempre foi transitando Ã custa de planos de recuperaÃo? Ou de ser ensinado por professores nas mesmas condiÃes? SÃ exames nacionais de qualidade nÃo deixarÃo que lÃ cheguem!

Se os exames, para jÃ, se apresentam como a Ãnica forma de validar mais seriamente as aprendizagens, bem hajam!

Goreti

=====

Re:Até ao 9  ano

Afixado por 1111 - 03/11/06 14:11

Até ao 9  Ano?

Implementa o de Exames Nacionais nos 4 , 6  e 9  Anos. Tudo seria diferente.

=====

Re:Até ao 9  ano

Afixado por rodrigo

A Forista Maria Goreti levanta uma questão muito pertinente neste seu artigo: Qual a lógica subjacente ao facto de durante o ensino b sico pretender-se aplicar em simultâneo duas filosofias educativas que nos seus propósitos e métodos são antag nicas?

Refiro-me   coabita o existente entre Projectos Curriculares de Turma e a realiza o de Exames Nacionais. Um anula o outro.

Se queremos preparar os alunos para um Exame Nacional que   uniformizador na avaliaão, qual o sentido de aplicar durante o ano lectivo um projecto curricular de turma?

Se aplicamos o projecto curricular de turma, como forma de adequar o currículo é s especificidades sócio-culturais da turma, como podemos depois querer que esses alunos façam um Exame que os avalia em igualdade de circunstâncias com todos os outros alunos das restantes escolas e regi es do país?

Os especialistas do ME que esclareçam a razão de ser destas duas lógicas educativas que colidem frontalmente uma com a outra!

Rodrigo Trancoso

=====